



FACULDADE DE ENSINO
TEOLÓGICO

BASILÉIA



47º Matéria

Pr Gilmar Itália

CNPJ: 35.712.730/0001-08

INTRODUÇÃO

Esse estudo é sobre “A visão sobre o reino de Deus e a Igreja no N.T. que vai influenciar nossa posição escatológica.” Inicialmente vou explicar os conceitos **basileia** e **ekklesia** através de uma leitura do N.T. (maior ênfase nos Evangelhos).

Depois vamos verificar a relação entre a Igreja e o reino de Deus, para finalmente darmos a ênfase no reino de Deus. Existem várias escolas de interpretação escatológicas sobre o milênio e estão invariavelmente ligadas a uma determinada interpretação do Reino de Deus e da Igreja à luz das Sagradas Escrituras.

Este é um tema onde existe muita divergência. Vamos lá!!

I. O QUE É O REINO DE DEUS E A IGREJA

1. Basiléia

"**Βασιλεία**" é um substantivo grego, usado 163 vezes. O problema é que pode ter traduções para substantivos portugueses com significativas diferenças em implicações doutrinárias. Na ordem de pior para melhor sentido a ser tomado, no NT, tais traduções são:

a) "um **reino**", "um **domínio**", no sentido de um **TERRITÓRIO** governado por um rei; este é o sentido mais comumente tomado pelos tradutores e pregadores do NT, mas quase sempre é **o pior sentido**; por exemplo, em Gl 5:21 (**21 Invejas, homicídios, bebedices, glotonarias, e coisas semelhantes a estas, acerca das quais vos declaro, como já antes vos disse, que os que cometem tais [coisas] não herdarão o REINO de Deus.** , se você tomar este sentido vai pensar que um crente neotestamentário pode perder a salvação se cometer certos pecados, portanto a salvação (ou sua preservação), pelo menos parcialmente, É, SIM, pelas obras, o que colide de frente, violentamente, contra dezenas de versos entre Romanos e Filemom que ensinam que a salvação é somente pela graça de Deus, independentemente de obras, é através somente da fé, fé somente no Cristo (e todas as palavras dEle e sobre Ele, na Bíblia); DESAFIO QUALQUER UM A ACHAR UMA HARMONIZAÇÃO ENTRE ESTE SENTIDO "território governado por um rei", SE ADOTADO EM GL 5:21, AS TAIS DEZENAS DE VERSOS;

b) "**o reinado**", no sentido de espaço de tempo em que um rei reina/reinou; extensão da autoridade e influência de um rei;

c) "**soberania**", "**autonomia**" no sentido de irrestrito poder de um rei sobre súditos, livre de qualquer influência;

d) "**o reinar**", no sentido de "**A AÇÃO, a ATIVIDADE de reinar de um rei**"; esta é a melhor tradução na maioria das ocorrências no NT, particularmente em Gl 5:21.

“A atividade de Jesus gira em torno de um conceito fascinante. Tudo se relaciona com ele e tudo provem dele. Esse centro é a basileia tou theou, o reino de Deus.”

Jesus não se preocupa em definir este conceito, porque não era algo novo.

“O NT segue de perto o precedente estabelecido no AT e no judaísmo, ao atribuir somente a Deus e Cristo o pleno direito ao título

“A locução ‘reino de Deus’ provém de Jesus, pois fora dos evangelhos sinóticos quase que inexistente no N.T. Essa inexistência tem duas causas:

1. Conceito comum no judaísmo da Palestina, dificilmente compreendido pelo homem helenista.; Conceito afastado, na comunidade, por motivo teológico. Paulo anuncia o kyrios e quase não fala mais a respeito do basileia.

De “Rei”.” O termo basileia é utilizado várias vezes no N.T.

Embora não exista consenso, podemos definir o reino de Deus como:

1. Conceito Dinâmico;
2. Operação Soberana de Deus;
3. Atividade redentora e governo de Deus.

Sobre o uso do termo reino dos céus e reino de Deus, só alguns dispensacionalistas é que fazem alguma diferenciação entre eles.

2. Ekklesia

Será que a Igreja estava nas cogitações de Jesus? A palavra ekklesia está bastante ausente dos Evangelhos.

Ao aparecer apenas em Mt 16.18;18.17, levou alguns autores a dizer que a ekklesia não era uma formulação de Jesus.

Segundo D. A. Carson “(...) a evidência linguística mais forte vai em outra direção.”¹Ekklesia é um termo apropriado no contexto de Mateus.

II. RELAÇÃO ENTRE O REINO DE DEUS E A IGREJA

“Um dos problemas mais difíceis em relação ao estudo do Reino de Deus é a questão do seu relacionamento com a Igreja. Deve o reino de Deus, em algum sentido da palavra, ser identificado com a Igreja? Se não qual a relação entre os dois?”

Desde o início da história da Igreja, a opinião generalizada era que o reino de Deus e a Igreja eram uma e a mesma coisa.

Existem alguns versículos que aparentam suportar esta ideia, mas que devidamente analisados são insuficientes como prova.

Igreja não é o mesmo que o reino de Deus, como atesta Carson e Ladd. Contudo, existe uma interligação entre ambas.

1. Interligação

A igreja pode ser vista, do ponto de vista do reino.

Encontramos também algumas interligações entre os dois conceitos.

Ambos são esferas em que os homens podem entrar.

A igreja é resultado da vinda do reino de Deus ao mundo.

A Igreja também dá testemunho do reino e para o reino e tem a tarefa de demonstrar a vida e comunhão do Reino de Deus.

2. Diferenças

Para explicar a diferença entre o Reino e a Igreja, Ladd vai utilizar cinco pontos:

- 1.A igreja não é o reino;
- 2.O reino cria a Igreja;
- 3.A igreja dá testemunho do reino;
- 4.A igreja é a agência do Reino;
- 5.A igreja a guardadora do Reino.

Vamos focar-nos de seguida no Reino de Deus, por percebermos que está acima da Igreja. e é a mensagem central de Jesus.

III. QUANDO VIRÁ O REINO

“O reino de Deus é um conceito escatológico, tem a ver com a concretização do propósito de Deus para a humanidade.”

Duas considerações importantes sobre o reino dizem respeito à sua natureza e temporalidade.

1. Natureza do reino

O reino é de natureza divina. Quando pensamos na natureza do reino é importante percebermos que o reino é físico e externo, mas não só.

O Reino de Deus também é espiritual e interior.

2. Temporalidade do reino

De acordo com COENEN, L., & BROWN, C. a relação entre o reino de Deus e o tempo tem três categorias para classificação:

1. O Reino é uma realidade já presente;

2. O reino é futuro;

CONCLUSÃO

Parece algo obvio recorrer à Palavra de Deus para compreender melhor este assunto, mas percebemos que isso nem sempre é assim tão fácil.

Ao estudar este tema foi possível perceber a ordem de grandeza do assunto. Quando examinamos este assunto, isso vai automaticamente influenciar a minha escatologia.

Se o reino de Deus é sobretudo presente, apenas reina no coração dos homens e é implementado gradualmente, eu aproximo-me do pós-milenismo. Se eu porventura mantenho a linha pós-milenista, mas não dou grande ênfase à implementação do reino através do crescimento da Igreja porventura posso aproximar-me do amilenismo.

Contudo se eu acredito que existe uma realidade presente e futura do reino, e que esse reino físico não está dependente de uma implementação gradual, mas que vai ser implementado na parousia de Jesus, eu estou próximo do pré-milenismo.

Como indica Howard Snyder, o entendimento do reino implica reconhecer algumas polaridades (*ver anexo 1*) sobre o reino de Deus. Fica bastante claro as implicações que o tema “reino de Deus e a igreja” tem na escatologia.

As dificuldades em chegar a consensos, não devem tirar-nos o foco no essencial:

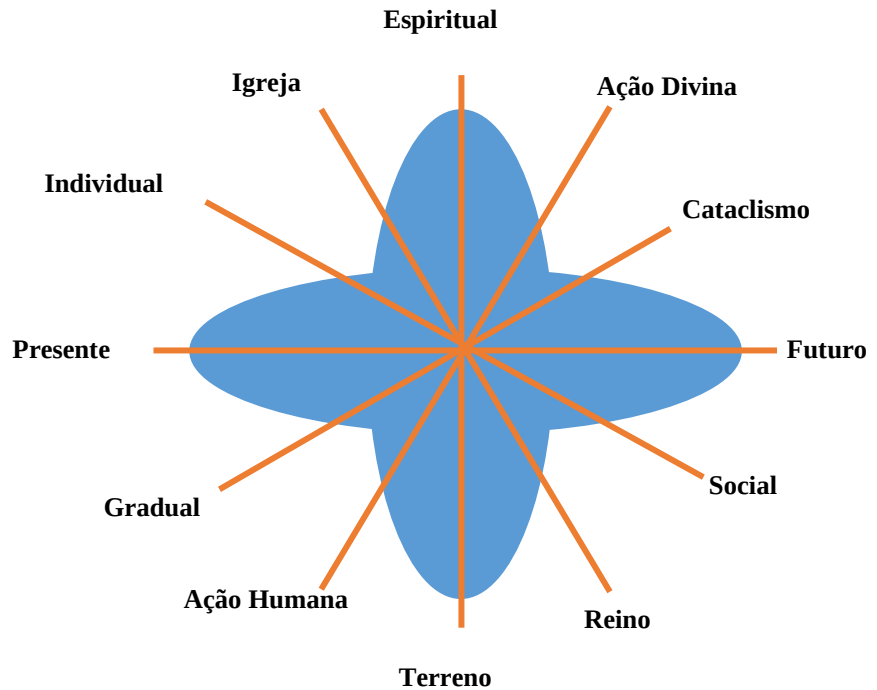
1. Jesus irá voltar;

2. A nossa esperança é uma realidade;

3. Devemos encarar estes assuntos com equilíbrio quando encontramos uma ideia diferente da nossa. Romanos 13.11 “E digo isto a vós outros que conheceis o tempo: já é hora de vos despertardes do sono; porque a nossa salvação está, agora, mais perto do que quando no princípio cremos.” (ARA).

ANEXO 1

Esquema



Polaridades

Uma das formas de interpretar o reino Deus é através da utilização de modelos, utilizando uma perspectiva mais teológica e história. Este foi o método utilizado por Avery Dulles, *models of the Church and Models of revelation*. Howard Snyder empregou esta mesma abordagem. Para este autor o entendimento do reino de Deus implica reconhecer algumas das polaridades do reino de Deus.

O reino de Deus é:

1. Presente vs futuro;
2. Individual vs Social;
3. Espiritual vs terreno;
4. Gradual vs cataclismo;
5. Ação Divina vs ação humana;
6. Relação da Igreja com o reino.

Modelos

1. Reino Futuro: Um reino como esperança futura
2. Reino interior: O reino de Deus como uma experiência espiritual

3. O reino dos céus: Uma comunhão mística
4. O Reino e a Igreja: O reino como a igreja institucionalizada
5. O Reino como contra sistema
6. Reino teocrático: O Reino como um estado político
7. O Reino Transformador: O Reino como uma sociedade cristã
8. O Reino utópico: o reino como uma utopia terrena

O Reino é uma realidade presente

Várias frases do NT usam verbos no presente, sugerindo que o Reino já era uma realidade. Em Marcos 4:3, o Reino de Deus é comparado a uma semente que é semeada no coração dos homens agora, não no futuro. Ao elogiar João Batista, Jesus declarou, usando o presente, que “o menor no reino dos céus é [ἐστὶν] maior do que ele.

Desde os dias de João Batista até agora, o reino dos céus é tomado por esforço [βιάζεται], e os que se esforçam se apoderam [ἀρπάζουσιν] dele” (Mt 11:11-12; ver Lc 16:16). Em Mateus 13:44-46, o Reino é comparado a um tesouro que o homem pode adquirir agora.

Debatendo com os principais sacerdotes e os anciãos do povo, Jesus declarou que “publicanos e meretrizes vos precedem [προάγουσιν] no reino de Deus” (Mt 21:31). Escribas e fariseus foram repreendidos por não entrarem no “reino dos céus” e nem deixarem entrar “os que estão entrando [τοὺς εἰσερχομένους]!” (Mt 23:13). O Reino deve ser buscado agora: “buscai, pois, em primeiro lugar, o seu reino e a sua justiça [...]” (Mt 6:33).

E deve ser recebido agora: “Quem não receber o reino de Deus como uma criança de maneira nenhuma entrará nele” (Mc 10:15). E o Reino já é das crianças: “Deixai vir a mim os pequeninos e não os embaraceis, porque dos tais é o reino de Deus” (Lc 18:16).

Podemos classificar em dois aspectos temporais do Reino de Deus como “reino da graça” (presente) e “reino da glória” (futuro):

“Conforme é usada na Bíblia, a expressão ‘reino de Deus’ designa tanto o reino da graça como o de glória”.

Uma das chaves para se compreender o Reino em seus dois aspectos está na compreensão da promessa do Messias.

De acordo com as profecias, a vinda do Messias tem um duplo aspecto:

- a) está profetizado que o Messias viria em mansidão, em humildade, para sofrer e morrer;
- b) está profetizado que o Messias virá em poder e glória para julgar e reinar eternamente. Assim também o Reino de Deus tem um duplo aspecto. Viria primeiro no sentido espiritual, e subsequentemente em poder e glória.

Antes do Reino de Deus ser consumado no futuro (o Reino da glória), ele veio ao homem na pessoa e na atividade de Cristo. Jesus e sua mensagem inauguraram o Reino da graça: “Certa vez, tendo sido interrogado pelos fariseus sobre quando viria o Reino de Deus, Jesus respondeu: O Reino de Deus não vem de modo visível, nem se dirá: ‘Aqui está ele’, ou ‘Lá está’; porque o Reino de Deus está entre vocês” (Lc 17:20-21)

Esse texto possui duas leituras possíveis (sendo a outra leitura: “[...] o reino de Deus está dentro de vós”). A preposição ἐντός significa tanto “entre, no meio de” quanto “dentro de”. Como Jesus está falando aos fariseus (v. 20), a tradução “entre, no meio de” parece fazer mais justiça ao contexto (pois é difícil imaginar Jesus afirmando que o Reino de Deus estaria “dentro” dos fariseus) De qualquer forma, a realidade presente do Reino é evidente em Lucas 17:20-21.

Com o estabelecimento do Reino da graça, o reino de Satanás foi desafiado na pessoa de Jesus e estava para experimentar uma derrota (sobre essa derrota, ver Jo 12:31 e 16:11).

A irrupção do Reino presente é evidenciada pelas curas e libertações realizadas por Jesus: “Mas se é pelo dedo de Deus que eu expulso os demônios, logo é chegado a vós o reino de Deus” (Lc 11:20).

O Reino de Deus como um poder salvífico ativo veio ao mundo na pessoa e atividade de Cristo para redimir o homem do reino de Satanás.

O poder de sujeitar os demônios é causa de regozijo porque é um sinal da presença do Reino Deus (Lc 10:18). Enquanto os discípulos de Jesus pregavam o Reino e expulsavam os demônios, Jesus viu Satanás cair do seu lugar de poder. A queda de Satanás é o começo do fim do seu reino, e isso deve continuar até a completa subjugação das forças do mal e a completa manifestação do Reino de Deus.

O Reino também é apresentado como sinônimo de salvação. Jesus era cômico de que uma nova era estava sendo inaugurada com Seu ministério. No início de Seu ministério, Jesus leu de Isaías em Lucas 4:18-19, e, depois de concluir a leitura, interpretou o texto assim: “Então começou a dizer-lhes: Hoje se cumpriu esta Escritura em vossos ouvidos”.

Uma nova era começara. Jesus igualou a “vida eterna” com “entrar no Reino” (Mc 10:17, 23, 24). As bênçãos do futuro Reino de Deus já estavam presentes na experiência do perdão dos pecados, da libertação do poder de Satanás. A salvação plena ainda não chegara, mas a essência dela, o poder dela, havia chegado. Segundo Ellen G. White (1987, p. 42), “a graça de Deus precisa ser recebida pelo pecador antes de ele ser tornado apto para o reino da glória”.

O Reino é uma realidade futura

O Reino também é apresentado como uma esperança escatológica.

Em Mateus 7:21-23, o Reino é futuro, no qual os fiéis irão entrar após julgamento.

Em Mateus 25:31,34, está estabelecido que o Reino será herdado somente por ocasião da segunda vinda de Jesus, evento que assinala “o estabelecimento e a consumação do Reino de Deus [...] (Mt 13:41; 16:28; Lc 22:30; Jo 18:36; Cl 1:13; 2Pe 1:11; Ef 5:5)”

Também podemos descrever o Reino como parousia, e esclarecer que o Reino da glória “está ainda no futuro. Não será estabelecido antes do segundo advento de Cristo” Jesus veio a este mundo para fundar o Reino de Deus (Reino da graça) e cumprir o significado espiritual da esperança messiânica, mas declarou que o objetivo de Sua missão não seria cumprido plenamente nessa primeira vinda.

Era necessário um intervalo (Mt 16:21) e um afastamento temporário (Jo 14:19; 16:7) antes que Cristo viesse novamente para finalizar a obra que havia começado (Jo 14:1-3) e levar o Reino de Deus a seu triunfo supremo (Mt 25:31-46).

A volta gloriosa de Cristo assinalará a consumação do Reino de Deus (que também é chamado de “reino de Cristo”, ver Mt 13:41; 16:28; Lc 22:30; Jo 18:36; Cl 1:13; 2Pe 1:11; Ef 5:5). Paradoxalmente, o Reino que virá em glória no fim do tempo (Mt 25:31-46) já estava presente na pessoa e missão de Cristo:

“O tempo está cumprido, e o reino de Deus está próximo; arrependei-vos e crede no evangelho” (Mc 1:15; ver Mt 12:28).

“Embora a destruição de Satanás aguarde até o término do milênio (Ap 20:10), Jesus podia dizer que o reino estava presente no meio deles” (Lc 17:21).

Assim, a primeira vinda inaugurou uma época escatológica (Hb 1:2; 1Jo 2:18; 1Pe 1:20), levando o crente a viver agora entre o “já” e o “ainda não”, “aguardando a ‘manifestação da Sua vinda’ (literalmente, ‘a manifestação da Sua presença’, 2Ts 2:8), experimentando já agora a garantia da Sua presença, Seu ministério sumo sacerdotal e Sua vinda como ‘Rei dos reis e Senhor dos senhores’”.

O Reino da graça é, portanto, “um domínio espiritual presente no qual já se desfrutam as bênçãos do reino de Deus (Cl 1:13), e até mesmo da vida eterna” (Jo 3:16).

A vida eterna é algo que pode ser desfrutado no presente, no Reino da graça (Jo 3:36; ver 1Jo 5:12), apesar de suas plenas implicações ainda aguardarem uma consumação futura escatológica, quando os salvos desfrutarão do governo de Deus em todos os aspectos.

“[...] o reino de glória ainda não foi inaugurado. Só depois que [Cristo] termine a Sua obra como mediador, Lhe dará Deus ‘o trono de Davi, Seu pai’, reino que ‘não terá fim’” (Lc 1:32-33). A escatologia cristã garante que, no Reino da glória, o pecado será finalmente aniquilado, e que não herdarão o Reino de Deus os que praticam o pecado (G1 5:19-21).

A natureza do Reino

Jesus não somente pregou sobre a vinda do Reino de Deus, mas também falou sobre a natureza do Reino (especialmente nas parábolas em Mateus 13: “o Reino de Deus é semelhante a [...])”).

Primeiramente, é importante estabelecer que o Reino é um reino de graça, um dom que o Pai se agrada em dar aos discípulos de Jesus: “Não temais, ó pequenino rebanho; porque vosso Pai se agradou em dar-vos o seu reino” (Lc 12:32).

Além disso, é um Reino “de Deus” (βασιλεία τοῦ θεοῦ), uma manifestação da vontade divina na história, um ato do próprio Deus, nunca sujeito ao homem – é um ato divino que requer uma resposta humana, e tem todos os seus aspectos derivados do caráter e da ação de Deus.

O Reino de Deus não é agora visível sobre a terra (apesar dos sinais que evidenciam a sua chegada/presença); e nem é deste mundo. Jesus afirma: “Se o meu reino fosse deste mundo, então meus servos lutariam [...]” (Jo 18:26).

Autoridades humanas e os padrões das estruturas políticas mundiais são estranhos ao Reino de Deus. O Reino é de natureza espiritual.

De fato, sem nascer do alto, isto é, pela água batismal e pelo Espírito, ninguém pode entrar nele (Jo 3:3, 5).

Outra característica do Reino é que a perfeita obediência está intimamente vinculada a ele. No NT, embora os filhos do Reino sejam intimados a serem perfeitos (Mt 5:48), também devem orar pelo perdão de suas transgressões (Mt 6:12, 14, 15) (BLAZEN, 2011, p. 327).

Como a desobediência alterou a perfeita comunhão de Adão e Eva com Deus, assim a perfeita obediência (uma obediência além da capacidade do homem) restaurou essa união. Jesus alcançou perfeita e vicária obediência em benefício de seus súditos (Jo 6:38; Sl 40:8; Fl 2:8).

A obediência do Rei é imputada aos súditos, e torna possível a entrada no Reino de Deus. As boas obras dos súditos não são um meio de entrada.

Disseram-lhe pois: que faremos, para executarmos as obras de Deus?

Jesus respondeu, e disse-lhes: A obra de Deus é esta: Que creiais naquele que ele enviou [...] Portanto, a vontade daquele que me enviou é esta: que todo aquele que vê o Filho, e nele crê, tenha a vida eterna; e eu o ressuscitarei no último dia (Jo 6:28-29,40).

O Reino exige alguns radicalismos dos súditos, como declarou Jesus metaforicamente: “Se tua mão te escandalizar, corta-a [...], e se teu olho te escandalizar, lança-o fora” (Mc 9:43, 47).

Esses atos de violência metafóricos exigidos dos que entram no Reino vêm acompanhados de descrições radicais da prioridade do Reino sobre a família (Lc 14:26) e das tensões que o Reino provoca (“[...] não vim trazer paz, mas espada”, Mt 10:34).

Até a segunda vinda de Jesus, o Reino é espiritual e do Espírito, pois, “o que é nascido da carne é carne, e o que é nascido do Espírito é espírito” (Jo 3:6). O Reino é, portanto, uma posse interna do cristão. Libertado da escravidão de Satanás (“[...] maior é o que está em vós do que o que está no mundo”, 1Jo 4:4), e do pecado (pois o “pecado não

terá domínio sobre vós [...]”, Rm 6:14), o cristão, espiritualmente, já habita na paz do Reino eterno: “Pois a nossa cidade está nos céus donde também aguardamos o Salvador, o Senhor Jesus Cristo” (Fp 3:20).

No entanto, apesar de ser espiritual, o Reino de Deus não se preocupa apenas com a “espiritualidade” dos homens, mas com a salvação integral do homem. A presença do Reino representou libertação de doenças e problemas físicos (Mc 5:34; Mc 10:52), da possessão demoníaca (Lc 8:36), e até mesmo da morte (Mc 5:23).

Se o Reino é uma possessão espiritual do redimido no presente, indubitavelmente, o Reino é, também, na sua última manifestação, o evento culminante do futuro, como ensina Jesus: “Por que o Filho do homem virá na glória de Seu Pai, com os seus anjos” (Mt 16:27; ver Mt 24:29- 31,36; 25:31-46; 13:41; Jo 14:1-3; At 1:11; 1Ts 4:16).

Jesus usou parábolas, metáforas, declarações diretas e outros recursos de linguagem para impressionar ouvintes com a urgente necessidade de uma escolha individual em relação ao Reino.

Qualquer coisa é melhor do que viver e morrer fora do Reino – qualquer sacrifício, perda ou sofrimento: “Melhor é para ti entrares no reino de Deus com um só olho, do que tendo dois olhos seres lançados no fogo do inferno” (Mc 9:47).

As declarações ameaçadoras de Jesus em relação ao Reino devem ser entendidas à luz do caráter decisivo do Reino, de juízo final e absoluto e do seu âmbito universal. O Reino é o único ambiente da salvação; fora dele, há condenação eterna (Lc 3:17; Ap 20:11,15).

Princípios do Reino

Jesus falou dos princípios do Reino em Mateus 5-7. No Sermão do Monte, especificamente nas bem-aventuranças, ele indicou oito princípios que regem a vida dos cidadãos do Reino.

Essa exposição veio após a escolha dos doze, que foi o primeiro passo dado para organizar a igreja, onde Cristo é o Rei, e os discípulos, os súditos do reino da graça (CBASD, 1978-1990, v. 5, p. 313).

Em Mateus 5, Jesus expõe os princípios do caráter, a influência e a justiça de um cristão. O capítulo 6 discute a piedade, os alvos e as prioridades de um cristão

enquanto que, no capítulo 7, se concentra nas relações e nos compromissos de um cristão.

Em sua totalidade, o Sermão do Monte é um documento amplo que anuncia os princípios que se aplicam a cada setor da vida de uma pessoa .

O objetivo do ensino desses princípios não é inculcar meros valores éticos, tais como: a justiça, o amor e o perdão, mas conseguir “o principal propósito do reino que é de restaurar, no coração dos homens, a felicidade perdida no Éden que os que escolhem entrar pela porta estreita e o caminho apertado [...] encontrem a verdadeira felicidade”.

Jesus concluiu o Sermão do Monte com três vigorosos ensinamentos escatológicos relacionados com o compromisso cristão. Para fazê-las mais vívidas, ilustrou com as figuras dos **dois caminhos**, as **duas árvores** e os **dois construtores** (ver Mt 7:13-14, 15-20, 24-27).

A essência do Reino de Deus e a base do discernimento moral é o amor abnegado de Cristo pelos outros, revelado em Sua vida e morte.

É a partir daí que os súditos do Reino devem deduzir como devem tratar os outros (Jo 13:34; Ef 5:25); perdoar como Deus perdoou (Mt 18:32-33; Ef 4:32); e viver a nova vida de acordo com o Espírito (Gl 5:25).

Relutar em viver de acordo com a vontade de Jesus é rejeitá-lo como Messias e rejeitar o reino que Ele veio implantar: “Cristo não pode ser rei daqueles que não querem ser Seus súditos”.

O evangelho do Reino

Jesus disse que o “evangelho do reino [τὸ εὐαγγέλιον τῆς βασιλείας] será pregado no mundo inteiro” antes do fim (Mt 24:14).

O conteúdo da pregação dos apóstolos e da igreja primitiva incluía o Reino de Deus (At 8:12; 19:8; 20:25; 28:23; 28:31), e esse também era tema das cartas paulinas (Rm 14:17; 1Co 4:20; 6:9, 10; 15:24, 50; Gl 5:21).

Em que consiste o evangelho do Reino? É o anúncio de que Deus, na pessoa de Jesus Cristo, está atuando para desfazer o reino de Satanás e estabelecer seu próprio Reino.

O evangelho do reino indica que Deus, mediante Cristo, tem destruído os inimigos do reino – o poder da morte, Satanás (ver Hb 2:14-15), o pecado (Hb 9:26. Rm 6:6).

Padilla (1986, p. 183) afirma que se pode entender a proclamação do Reino por parte de Jesus.

Seu anúncio: “O tempo está cumprido e o reino de Deus está próximo: arrependei-vos e crede no evangelho” (Mc 1:15) não é uma mensagem verbal dada isoladamente dos sinais que O acompanham; é, mais, as boas novas sobre algo que pode se ver e ouvir.

Segundo as palavras de Jesus:

(a) é uma notícia sobre um fato histórico, um evento que se está realizando e que afeta a vida humana de muitas maneiras;

(b) é uma notícia de interesse público, relacionada com toda a história humana;

(c) é uma notícia relativa ao cumprimento das profecias do AT (o malkuth Yahwe anunciado pelos profetas e celebrado por Israel se tornou uma realidade presente);

(d) é uma notícia que suscita arrependimento e fé; e

(e) é uma notícia que provoca a formação de uma nova comunidade, uma comunidade constituída por pessoas que têm sido chamadas pessoalmente.

Hoje a igreja deve comunicar essa notícia. Assim, se cumprirá o mandato do Senhor incluído no Seu discurso escatológico. Se o pecado, a morte e Satanás já estão derrotados, esta é a essência da mensagem do evangelho do Reino de Deus.

O Reino e a Igreja

É necessário estabelecer claramente a relação existente entre o reino de Deus e a igreja. Quando Jesus enviou Seus discípulos para pregar, mandou que não fossem aos gentios, mas às ovelhas perdidas da casa de Israel (Mt 10:6). Em outra ocasião, o Senhor Se referiu aos judeus como “filhos do reino”, embora eles O estivessem rejeitando e ao Seu Reino (Mt 8:12). Ladd (1974a, p. 118), comenta a respeito:

Israel havia sido possuidor do reino de Deus. Isso significa que até o momento, a vinda de Cristo em carne, a atividade redentora de Deus na história havia sido canalizada por meio da nação de Israel. [...] Porém, quando chegou a hora em que: Deus manifestara Sua atividade redentora em uma nova e maravilhosa maneira e quando o reino de Deus visitara os homens na pessoa do Filho de Deus atraindo-lhes na medida mais plena às bênçãos do regime divino, Israel rejeitou o reino e o Portador do reino. Portanto, o reino, em sua nova manifestação, foi tirado de Israel e dado a um povo novo. Este novo povo é a igreja.

O Reino de Deus é um tema em que os conceitos soteriológicos, missiológicos e escatológicos estão intimamente unidos.

O novo povo de Deus não somente se menciona em termos escatológicos futuros, mas também em um sentido histórico futuro (RIDDERBOS, 1988, p. 65). Sobre este particular, Vaucher (1988, p. 539) mostra que “a igreja não deve ser confundida, como se tem feito, com o reino de Deus.

O reino de Deus é o objetivo, a igreja não é mais que o meio para alcançar o objetivo”. Também acrescenta que a igreja não é o reino, mas o arauto que anuncia o reino. A igreja não é o reino, posto que ela anuncia e prepara a vinda do reino – ela é a comunidade do Reino.

O Reino não é necessariamente, e nem exclusivamente, a igreja.

Está profundamente ligado à igreja, mas não é identificado por ela. Segundo Ladd (2003, p. 131), “[n]ão existem afirmações de Jesus nas quais o Reino seja claramente identificado com a Igreja”.

A igreja primitiva pregava sobre o “Reino de Deus”, não exatamente sobre a “igreja de Deus” – é difícil substituir “reino” por “igreja” em versos como At 8:12; 19:8; 20:25; 28:23, 31.5

Por outro lado, o Reino e a Igreja não são antagônicos, pois Jesus tem uma igreja (a “minha igreja”, Mt 16:18), composta por aqueles que são seus discípulos, o povo do Reino.

Da parábola do semeador aprendemos que “o campo é o mundo; a boa semente são os filhos do reino; o joio são os filhos do maligno” (Mt 13:38), e que a separação definitiva só ocorrerá no final. Assim, a comunidade do Reino ainda não é perfeita.

O Reino é como a rede que ajunta peixes bons e maus (Mt 13:47-48, o convite é para todos. A comunidade perfeita só existirá na separação final, no último dia, por entanto, os filhos do Reino vivem numa sociedade mista.

A igreja, portanto, não é o reino de Deus: o reino de Deus cria a igreja e atua no mundo através da igreja.

Na terminologia bíblica, o reino não se identifica com seus súditos.

Estes são o povo de Deus que ingressa no reino, vive sob ele e é governado por ele. A igreja é a “comunidade reino, mas nunca o reino mesmo. [...]

O reino é o reinado de Deus; a igreja é uma sociedade de pessoas”. A igreja é, então, uma comunidade de crentes no evangelho do Reino que surge como resultado do poder do Rei. Os homens, por conseguinte, não podem edificar o Reino de Deus, mas podem pregá-lo e proclamá-lo; podem recebê-lo ou rejeitá-lo.

Para entender o Reino de Deus

Lc 13:18 E dizia: A que é semelhante o reino de Deus, e a que o compararei?

Lc 13:19 É semelhante ao grão de mostarda que um homem, tomando-o, lançou na sua horta; e cresceu, e fez-se grande árvore, e em seus ramos se aninharam as aves do céu.

Lc 13:20 E disse outra vez: A que compararei o reino de Deus?

Lc 13:21 É semelhante ao fermento que uma mulher, tomando-o, escondeu em três medidas de farinha, até que tudo levedou Jesus nos fala do reino através de parábolas para que o compreendamos, em uma nos apresenta o grão de mostarda, na outra, três medidas de farinha. O que tem de comum nas duas são os três tempos do reino.

O reino está guardado em uma semente, nela está contida tanto a planta como a colheita e também as gerações seguintes. Com uma semente planta-se toda uma fazenda, Deus plantou toda a terra com a semente de Adão.

O reino de Deus é pequeno em seu começo, Jesus o compara com um grão de mostarda, este grão é colocado na horta e cresce e se torna em uma grande árvore.

Então é assim; semente, crescendo, e, árvore. Três tempos.

O grão de mostarda é o filho de Deus que ainda não foi chamado, é filho, mas vive como servo (Gálatas 4: 3).

O grão plantado é quando Jesus se apresenta a esse filho, se torna conhecido dele, a palavra de vida eterna o alcança (Lembrar da parábola dos quatro solos em Mateus 13).

O crescimento desse crente é certo e definido pelo Pai, afinal ele é o agricultor, cuida da sua plantação – a árvore crescerá, dará muito fruto e será útil até às aves do céu, farão ninhos nela.

Jesus também compara o reino de Deus ao fermento que faz crescer a massa, e que uma mulher o misturou a três medidas de farinha.

O reino de Deus tem crescimento, dividido em **três tempos**, isto porque nosso Deus triúno determinou assim.

Observe o texto de Marcos 4: 26 – 29, E dizia: O reino de Deus é assim como se um homem lançasse semente à terra. E dormisse, e se levantasse de noite ou de dia, e a semente brotasse e crescesse, não sabendo ele como.

Porque a terra por si mesma frutifica, primeiro a erva, depois a espiga, por último o grão cheio na espiga.

E, quando já o fruto se mostra, mete-se-lhe logo a foice, porque está chegada a ceifa. Uma semente é lançada a terra e ela por si mesma frutifica – Deus é quem dá o crescimento, o homem não controla o reino, não controla o crescimento do reino, nem mesmo a semeadura, pode parecer que controle esta última, mas basta olhar para alguns países fechados que de repente se abrem e outros abertos que se fecham inesperadamente para o evangelho.

Mas voltando ao assunto principal; a semente foi lançada a terra, a terra frutificou, primeiro a erva, depois a espiga, e por último o grão cheio na espiga.

Não se colhe fruto da erva, imagine um milharal que você pretende plantar. Preparou a terra, colocou as sementes nas covas, elas germinam frágeis matinhos, erva, vão crescendo e aparecem as espigas, vão se formando dentro dessas espigas os grãos, quando os cabelos desse milho se seca, o milho pode ser colhido – o crente tem o seu tempo de frutificar, não se exige atitude de adulto para crianças, a erva é o crente novo, Jesus os chama de pequeninos, ou meninos. “Depois a espiga” – a espiga é uma promessa de que haverá colheita, a espiga é o crente mediano, deixou de ser menino,

está crescendo, amadurecendo é promissor, mas seus frutos ainda não estão prontos. É um período extremamente perigoso, pode ser arrancado verde jogado fora.

É o tempo da juventude do crente, com tudo o que o jovem tem; força, autonomia, desprezo da autoridade, beleza, vigor – uma espiga que parece boa para a colheita, mas ainda não chegou o seu tempo, este fruto ainda não está pronto. São a estes que o apóstolo João escreve “vós jovens sois fortes, não ameis o mundo...”.

Mas a parábola continua dizendo: e quando já o fruto se mostra o agricultor o colhe – Jesus está sempre nos falando de fruto, em Mateus 13 é dito por ele que a frutificação é trinta, sessenta e cem por cada semente.

Em João quinze dezesseis Jesus diz para darmos fruto em abundância; além disso, é acentuado neste capítulo que o agricultor é o Pai, ele planta e colhe.

O crente está maduro, cresceu, e agora está produzindo fruto. Não é mais menino, muito menos jovem, agora é pai na fé – com todos os direitos e deveres de um pai.

As parábolas do reino tem objetivo de tornar o reino conhecido a alguns. Até aqui o que percebemos é que há três momentos no reino, e esses momentos não se relacionam ao nosso tempo de crentes ou de escola bíblica, mas o Pai é quem dá o crescimento.

Resta saber como estamos no reino, se meninos, jovens ou pais.

Mc. 1.15: “... e o tempo está cumprido e o REINO DE DEUS está próximo; arrependei-vos e crede no evangelho”.

Lc 12.32: “Não temais, ó pequenino rebanho; porque o vosso Pai se agradou em dar-vos o SEU REINO”.

Lc 17:20-21: “Interrogado pelos fariseus sobre quando viria o REINO DE DEUS, Jesus lhes respondeu: não vem o REINO DE DEUS com visível aparência. Nem dirão: ei-lo aqui! Ou: lá está! Porque o REINO DE DEUS está dentro de vós”.

Jesus, certa ocasião, fazendo comparações que facilitavam a compreensão espiritual, identificou o **Seu Reino** como um tesouro escondido no campo:

*Mt 13:44: “O **Reino dos céus** é semelhante a um **tesouro oculto** no campo, o qual certo homem, tendo-o **achado**, escondeu. E transbordante de alegria, vai, vende tudo o que tem, e compra aquele campo.”*

A base de uma vida cristã Um tesouro real, mas encoberto. E assim, para uma **sadia e operante está no** grande parte da Igreja, o Reino de Deus continua **grau de conhecimento a** sendo uma dimensão espiritual encoberta, mal **respeito do governo de** compreendida e interpretada, ficando muito aquém de **Deus em nossas vidas**, um conhecimento a seu respeito, equilibrado, **revelado pela Palavra**, coerente, edificador e abençoador em todos os seus **que contém a expressão** ângulos. **verbal do Reino de Deus.**

Quando Pedro afirma em Jo 6.69: “...e nós temos **crido e conhecido** que tú és o Santo de Deus”, fica claro que a parcela do conhecimento é fundamental para o credo. Não basta crer somente, é preciso conhecer!

Durante gerações da era cristã, o conhecimento a respeito do **governo de Deus e Seu Reino** representava simples doutrina profética, algo para o futuro, quando Jesus, após sua segunda vinda, estabeleceria Seu Reino nesta Terra. Analisavam o Reino de Deus como uma promessa por ser estabelecida e não como uma **realidade já presente entre nós com todos os seus benefícios.**

Outra confusão instaurada na época de Jesus foi a não compreensão por parte dos judeus, que esperavam um **reino humano, militar**, mas o **Reino de Deus** não estava relacionado a um governo de leis humanas, um governo físico ou geográfico.

Vemos isto em Jo 18:33 e 36: “*Tornou Pilatos a entrar no pretório, chamou Jesus e perguntou-lhe: és tu o **Rei dos judeus**? (...) Respondeu Jesus: o meu **Reino** não é deste mundo (...) o meu **Reino** não é daqui*”.

Jesus tinha a intenção de mostrar que, embora fosse de fato **Rei e Senhor** de tudo que há, Sua soberania nada tinha a ver com o sistema mundano, nacional ou político. Seu reino não era deste mundo e não tinha nenhuma relação com reinos ou governos humanos.

A natureza do **Reino de Deus é espiritual**, não nacional, como pensavam os judeus. Jesus sequer respondeu aos discípulos quando perguntado a respeito da restauração de Israel em Atos 1.6. Era óbvio que jamais haveria restauração daquele reino nacional, que nada tinha a ver com o Reino de Deus. A restauração para o novo Israel de Deus seria espiritual, sem limite de raça ou nacionalidade.

Importante!!! O Reino de Deus não é um reino físico ou geográfico. O que Jesus anunciava nada tinha a ver com um governo de leis humanas.

O PLANO ORIGINAL DE DEUS

A Bíblia fala sobre Deus nos dar o SEU REINO. Mas quem deu o Reino para Deus? NINGUÉM!!!!

A Palavra Deus não é um nome, mas sim uma CARACTERÍSTICA daquilo o que Deus é.

- Theós / Elohim
 - Juiz
 - O Todo-Poderoso
 - Uma das características deste DEUS que adoramos em particular é que Ele é AUTO-SUFICIENTE e AUTO-EXISTENTE.

Por isso, Ele é o criador, o Pai, o autor, o fundador daquilo o que é ESPIRITUAL (o que é espiritual criou o que é natural – Hb 11:3).

REINO DE DEUS – Fala de quem é o Reino;

REINO DOS CÉUS – Fala qual é a dimensão deste Reino (que opera na dimensão celestial, espiritual).

Sendo Deus o criador de tudo, qual foi o objetivo final de Deus?

- UMA RAÇA DE SERES QUE PUDESSE EVIDENCIAR O SOBRENATURAL;
- SERES ESTES CAPAZES DE RECEBER A MESMA NATUREZA DE DEUS.
- DEUS é amor e amor precisa ser evidenciado por doação. Por isso, Deus DEU o seu filho... Deus DEU sua natureza para nós.

1 JOÃO 4:8,16: *“Aquele que não ama não conhece a Deus; porque Deus é amor.”*

“E nós conhecemos, e cremos no amor que Deus nos tem. Deus é amor; e quem permanece em amor, permanece em Deus, e Deus nele.”

SERES ESTES CAPAZES DE OPERAREM, AGIREM DA MESMA FORMA QUE AQUELE QUE OS CRIOU.

GÊNESIS 1:26-28: *“E disse Deus: Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança; domine ele sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu, sobre os animais domésticos, e sobre toda a terra, e sobre todo réptil que se arrasta sobre a terra. Criou, pois, Deus o homem à sua imagem; à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou. Então Deus os abençoou e lhes disse: Frutificai e multiplicai-vos; enchei a terra e sujeitai-a; dominai sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu e sobre todos os animais que se arrastam sobre a terra.”*

APOCALIPSE 5:7-10: *“E veio e tomou o livro da destra do que estava assentado sobre o trono. Logo que tomou o livro, os quatro seres viventes e os vinte e quatro anciãos prostraram-se diante do Cordeiro, tendo cada um deles uma harpa e taças de ouro cheias de incenso, que são as orações dos santos.*

E cantavam um cântico novo, dizendo: Digno és de tomar o livro, e de abrir os seus selos; porque foste morto, e com o teu sangue compraste para Deus homens de toda tribo, e língua, e povo e nação; e para o nosso Deus os fizeste reino, e sacerdotes; e eles reinarão sobre a terra.”

“Vida sem a presença de Deus não foi o plano original feito para nós. Ele planejou para que nós o conhecêssemos, vivendo em uma comunhão íntima com Ele. Você simplesmente não pode funcionar de forma perfeita e efetiva fora do ambiente da presença de Deus.” - Dr. Myles Munroe

Desde Gênesis a Apocalipse, nosso chamado (ou o porquê da nossa criação) é expresso de forma clara e simples: FOMOS CHAMADOS PARA SERMOS REIS E SACERDOTES, PARA DOMINARMOS SERMOS FRUTÍFEROS E NOSSA ESFERA DE GOVERNO É A TERRA!

Mas que tipo de reis e sacerdotes nós somos?

SOMOS FILHOS! DEUS TE FEZ REI E SACERDOTE PORQUE VOCÊ É FILHO!

SACERDOTES PASSAVAM DE GERAÇÃO A GERAÇÃO! REIS PASSAVAM DE GERAÇÃO A GERAÇÃO!

O ato que coroou toda a criação foi a criação do homem, como resultado do desejo de Deus de ter uma família.

O plano original foi para que o homem compartilhasse de sua autoridade e reino, e não que servisse como um mero escravo. Por isso Jesus é o “Rei dos reis e o Senhor dos senhores”.

Ele queria filhos que iriam não apenas ser guiados pelo Rei, mas que exerceriam a autoridade, o governo do Rei nesta terra.

A PRIMEIRA coisa que Deus dá ao homem então é sua IMAGEM E SEMELHANÇA porque esta é a primeira coisa que ele queria que eles tivessem.

Dominar significa ser estabelecido como um rei, governador, senhor soberano, responsável por reinar sobre um território designado, com a autoridade natural para representar como um símbolo, o território, recursos e tudo que constitui aquele reino.

Ou seja, o homem foi criado para ser o agente do céu na terra, trazendo a influência de Deus do sobrenatural para o natural; para incorporar a natureza de Deus na terra e servir como divinos representantes neste mundo físico.

VOCÊ FOI CRIADO A IMAGEM DE DEUS, COMO REPRESENTANTE DOS SEUS PROPÓSITOS!

EM RESUMO, O plano original de Deus foi de:

- Estabelecer uma família de filhos espirituais, não escravos;
- Estabelecer um reino, e não uma organização religiosa;
- Estabelecer um reino de reis, e não de subalternos;

- Estabelecer uma nação de cidadãos, não de membros religiosos;
- Estabelecer relacionamento com o homem, não uma religião;
- Estender seu governo celestial para a terra;
- Influenciar a terra do céu através da humanidade

A VELHA E A NOVA ALIANÇA

Ao criar Adão, Deus lhe deu domínio sobre a Terra e a alegria de comunhão perfeita com seu Criador. O segredo desta alegria estava na sua obediência, que redundaria em **comunhão eterna** com o Senhor.

O domínio sobre a Terra foi rompido e a comunhão desfeita no momento em que Adão desobedeceu à ordem de Deus (Gn 2.16-17; 3.1-6). Ele foi expulso do jardim do paraíso e forçado a trabalhar, suportar dores, envelhecer e morrer.

A restauração do homem pecador à sua posição de domínio sobre a Terra e de comunhão perfeita com Deus é a própria história bíblica, realizada por intermédio de ALIANÇAS. Esta obra restauradora começou com a **Velha Aliança**.

Desde a primeira promessa divina sobre o Redentor, registrada em Gn 3:15, o Senhor sempre firmou alianças com pessoas (Noé, Abrão, Moisés, Davi e outros) que se dispunham a ouvir Sua voz e obedecer Sua vontade.

Foi com Abraão, entretanto, que Deus firmou uma aliança maior, e que foi testamentada pelo povo de Israel com Moisés. A esta aliança chamamos de Velha Aliança. A este patriarca Deus dirigiu Sua promessa.

Mas, geração após geração, Israel quebrou as leis de Deus, ignorou Seus mandamentos e violou a Sua aliança. Vez após vez o Senhor enviou profetas para chamar de volta Seu povo rebelde:

*Dt 10:12-13: “Agora, pois, ó Israel, que é que o Senhor requer de ti? Não é que **temas** o Senhor Teu Deus, **andes** em todos os Seus caminhos, e O **ames**, e **sirvas** ao Senhor Teu Deus de todo o teu **coração** e de toda a tua **alma**, para guardares os mandamentos do Senhor, e os Seus estatutos, que hoje te ordeno, para o teu bem?*

Eis, então, a lamentável história da **Velha Aliança**: Deus queria restaurar o homem à posição de **domínio** (autoridade), perdida por causa do seu pecado. O Senhor desejava restaurar a **comunhão** rompida com a Sua Pessoa, razão pela qual firmou aliança com Abraão e o povo de Israel. O que verificamos, porém, é a recusa constante por parte de Israel em cumprir as condições estabelecidas. Isto levou o Senhor a declarar, através dos profetas Jeremias e Ezequiel, a chegada de uma **Nova Aliança**, uma aliança melhor.

Jr. 31:31-34: *“Eis aí vem dias, diz o Senhor, e firmarei **nova aliança** com a casa de Israel e com a casa de Judá. Não conforme a aliança que fiz com seus pais, no dia em que os tomei pela mão, para os tirar da terra do Egito; porquanto eles anularam a minha **aliança**, não obstante eu os haver desposado, diz o Senhor.*

*Porque esta é a **aliança** que firmarei com a casa de Israel, depois daqueles dias, diz o Senhor. Na mente imprimirei as minhas leis, também no coração lhas inscrevereis; eu serei o seu Deus, e eles serão o meu povo. Não ensinará jamais cada um ao seu próximo, nem cada um ao seu irmão, dizendo: conhece ao Senhor, porque todos me conhecerão, desde o menor até ao maior deles, diz o Senhor. Pois perdoarei as suas iniquidades, e dos seus pecados jamais me lembrarei”.*

Deus antecipou outra época e falou de um novo Israel, que seria capaz de cumprir as condições de Sua aliança e desfrutar de Suas bênçãos eternas:

Ez 11:19-20: *“Dar-lhes-ei **um só coração**, espírito novo porei dentro deles; tirarei da sua carne o coração de pedra, e lhes darei coração de carne; para que andem nos meus estatutos, e guardem os meus juízos, e os executem; eles serão o meu povo e eu serei o seu Deus”.*

Jesus é o ponto de ligação entre o

Ez. 36:26-27: *“Dar-vos-ei coração novo, e porei dentro **pecador e o Deus da de** vós espírito novo; tirarei de vós o coração de pedra **Aliança, o que e vos darei** coração de carne. Porei dentro em vós o **viabiliza a entrada do meu Espírito**, e farei que andeis nos meus estatutos, **Reino de Deus nos guardeis os meus juízos e os observeis**”. **corações daqueles que creem!***

Ez 37:26-28: *“Farei com eles **aliança de paz; será aliança perpétua**. Estabelecê-los-ei, e os multiplicarei,*

e porei o meu santuário no meio deles para sempre. O meu tabernáculo estará com eles; eu serei o seu Deus e eles serão o meu povo. As nações saberão que Eu Sou o Senhor que santifico a Israel, quando o meu santuário estiver para sempre no meio deles”.

Na ocasião destas palavras proféticas, a primeira aliança ou a **Velha Aliança** ainda estava em vigor.

Mas por que prometer outra aliança se uma já estava em vigor? Porque a **Velha Aliança** era apenas “sombra” da que estava para vir: perfeita, reconciliadora e eterna – uma **Nova Aliança!!** Leia Hebreus 8:6-7.

Leia também Col. 2:17 e Hebreus 10:1

Assim como a **Velha Aliança** chegou ao povo de Deus por intermédio de uma pessoa, Abraão, o patriarca, a **Nova Aliança** veio para o povo de Deus por intermédio de um homem, Jesus de Nazaré, o Filho de Deus.

Como lemos acima, em Hebreus 8:6, Jesus foi considerado como mediador. Mediador por definição é quem intercede para unir duas partes adversárias, intermediário, pacificador. Estas são definições que descrevem Jesus, o **Mediador de uma Nova e melhor Aliança** (Hb 9:15).

Se na **Velha Aliança** o povo de Deus era Israel, quem é o povo de Deus na **Nova Aliança**? Sob os termos da Nova Aliança, o povo de Deus é a **Igreja de Nosso**

Senhor Jesus Cristo. O povo que creu na mensagem de Jesus Cristo a respeito do **Reio de Deus**. A Igreja é o novo Israel. É nação santa (1 Pe 2:5, 9). Somos descendentes legítimos de Abraão e herdeiros das promessas (Gl 3:7-9, 14; 16-26, 28, 29).

A Igreja de Jesus Cristo, na **Nova Aliança**, tornou-se o santuário de Deus, o lugar de Sua morada:

2 Cor 6:16: “...*Porque nós somos **santuário** do Deus vivente, como Ele próprio disse: **habitarei e andarei entre eles; serei o seu Deus, e eles serão o meu povo**”.*

1 Cor 3:16: “*Não sabeis que sois **santuário** de Deus, e que o Espírito de Deus **habita em vós**”?*

1 Cor 6.19: *“Acaso não sabeis que o vosso **corpo** é **santuário** do Espírito Santo que está em vós, o qual tendes da parte de Deus, e que não sois de vós mesmos”?*

Qual foi o **preço** para o estabelecimento de uma **Nova Aliança**? Leiamos Hb 9.22 e verificaremos um fato importante: *“Com efeito, quase todas as coisas, segundo a lei, se purificam com sangue; e, sem derramamento de sangue, não há remissão”.*

Quando estudamos na Velha Aliança os sacrifícios instituídos por Deus para expiar os pecados do povo, encontramos sempre o **derramamento de sangue**. Estes sacrifícios eram constantes e exigidos por Deus.

Mas, na verdade, nenhum sacrifício animal poderia **purificar para sempre** o homem de seu pecado, apenas podia **cobri-lo**:

Hb 10.3-4: *“Entretanto, nesses **sacrifícios** faz-se recordação de pecados todos os anos, porque é **impossível** que sangue de touros e bodes **remova pecados**”.*

As promessas definitivas referentes ao perdão dos pecados e purificação da alma são baseadas **no derramamento do sangue do Cordeiro de Deus** (Jo 1.29), sacrifício único, verdadeiro, eterno e final.

Hb 10.12-14: *“Jesus, porém, tendo oferecido, para **sempre**, um **único sacrifício** pelos pecados, assentou-se à destra de Deus (...) porque com uma **única** oferta aperfeiçoou para **sempre** quantos estão sendo santificados”.*

Hb 9.12: *“Não por meio de sangue de bodes e de bezerros, mas pelo Seu **próprio sangue** (de Jesus Cristo), entrou nos Santos dos Santos, **uma vez por todas**, tendo obtido **ETERNA REDENÇÃO**”.*

Rm 5.9: *“Logo, muito mais agora, sendo **justificados pelo Seu sangue**, seremos por Ele salvos da ira”.*

Ef 1.7: *“No qual (em Jesus Cristo) temos a redenção, **pelo seu sangue**, a remissão dos pecados, segundo a riqueza de sua graça”.*

Não esqueça: A dinâmica da Nova Aliança na vida dos que creem está intimamente ligada ao Evangelho (a mensagem) do Reino de Deus.

Terminando esta compreensão simples das duas alianças (a Velha Aliança e a Nova Aliança), leiamos esta comparação entre elas, feita pelo apóstolo Paulo:

2 Co 3.4, 6-11: *“E é por intermédio de Cristo que temos tal confiança em Deus (...) o qual nos habilitou para sermos ministros de uma **nova aliança**, não da letra, mas do Espírito; porque a letra mata, mas o Espírito vivifica.*

E se o ministério da morte, gravado com letras em pedras, se reestiu de glória, a ponto de os filhos de Israel não poderem fitar a face de Moisés, por causa da glória do seu rosto, ainda que desvanecente, como não será de maior glória o ministério do Espírito!

Porque se o ministério da condenação foi glória, em muito maior proporção será glorioso o ministério da justiça.

Porquanto, na verdade, o que outrora foi glorificado, neste respeito já não resplandece, diante da atual sobre excelente glória.

Porque, se o que se desvanecia teve sua glória, muito mais glória tem o que é permanente”.

DEFINIÇÃO DO REINO DE DEUS

Conhecer o Reino de Deus é conhecer o plano divino em relação ao homem. A vinda de Jesus Cristo teve por finalidade a implantação definitiva do governo de Deus, oferecido a todos que cressem no evangelho.

Então, como definição, podemos dizer que o **Reino de Deus**, em essência, é o **governo de Deus** com seus princípios e condutas bem estabelecidos na vida do homem que O aceita como Salvador e Senhor.

Por isso, estar no Reino de Deus é nascer de novo, Jesus responde isso claramente a um homem chamado Nicodemos:

Jo 3.5: *“Respondeu Jesus: em verdade, em verdade te digo: quem **não nascer da água e do Espírito**, não pode **entrar no Reino de Deus**”.*

Neste versículo não há qualquer referência a se abraçar uma doutrina, assistir aos cultos de uma igreja local ou contribuir com ofertas e dízimos. A pessoa se torna

cidadã do Reino de Deus tão somente pelo novo nascimento, realizado através da **água, que é o símbolo da Palavra, e do Espírito Santo.**

Foi precisamente isso que Jesus declarou com estas palavras:

Mc 10.15: *“Em verdade vos digo: quem não receber o Reino de Deus como uma criança, de maneira nenhuma entrará nele”.*

Ninguém entra já crescido e maduro no Reino de Deus. Não se chega ao Reino com pensamentos, doutrinas, filosofias ou ideias humanas pré-concebidas, mas como uma criança que, nascida num Reino novo, deseja aprender do Senhor através do ensino da Palavra, o que significa ser filho de Deus. Não há outra maneira senão essa de entrar no Reino.

O REINO DE DEUS E A IGREJA DENOMINACIONAL

Outro ângulo importante para salientarmos é o fato de que o Reino de Deus **não é sinônimo** de igreja (instituição). Apesar de ser verdade que a igreja faça parte do Reino, não é verdade que ambos são idênticos. Pelo contrário, são diferentes em muitos detalhes.

Como uma pessoa se torna membro da igreja? Isto depende da igreja local, mas as regras costumam ser semelhantes: abraçar a doutrina por ela ensinada, fazer uma declaração de fé, ser batizado e contribuir para seu sustento e progresso com sua presença e ofertas.

Entretanto, não é segredo que existem multidões de pessoas, membros de igrejas cristãs, que nunca se arrependeram de seus pecados, nada entendem sobre a salvação eterna e não vivem segundo os princípios da Palavra de Deus. Mesmo assim, são membros de igreja.

Guarde isto: Afirmar que todas as pessoas que assistem aos cultos, ouvem as mensagens e cantam os hinos são cidadãs do Reino de Deus é puro engano. Embora isso não nos agrade, temos que admitir esta verdade.

Vejamos algumas diferenças entre o Reino de Deus e a Igreja cristã:

1. A **autoridade** no Reino de Deus é divina. A **autoridade** na igreja nem sempre é divina. Por vezes é mais humana;

2. Quem é **servo** tem influência no Reino de Deus. Quem possui **talentos** para liderança tem influência na igreja;
3. **Sucesso** no Reino de Deus é fruto de obediência e humildade. **Sucesso** na igreja é avaliado por estatística, qualidade, gabarito, popularidade dos líderes, entre outras coisas;
4. O **Evangelho verdadeiro** sempre é o Evangelho do Reino. Mas nas igrejas, o evangelho nem sempre é o Evangelho do Reino. Muitas vezes é o evangelho da igreja A, B. etc.

Quanto mais se aprende sobre o **Reino de Deus**, mais seguro ficamos de que **NADA É IGUAL A ELE**. Será que podemos concluir que não existe qualquer semelhança entre o **Reino de Deus** e a Igreja? Vamos ver então algumas similaridades:

1. Os cidadãos do Reino de Deus sentem desejo de congregar e ter comunhão com os membros do corpo de Cristo, cuja expressão visível é a **igreja local**;
2. Jesus ama a Igreja e por ela se entregou independentemente de suas imperfeições. A Igreja é a noiva de Cristo e é nesse ambiente que os que vivem no **Reino de Deus** também buscarão comunhão com o Senhor;

Através dos ministérios que Jesus concedeu à Igreja, os membros recebem instruções e disciplina para que saibam como ser cidadãos dignos do **Reino de Deus**.

QUAL É A MENSAGEM DO REINO DE DEUS

Para começar, preciso dizer que a **mensagem do Reino de Deus não é** uma mensagem de “**facilidades**”, como: “venha para Jesus e sua vida será um mar de rosas” ou “Jesus vai lhe dar isso, aquilo e ainda vai lhe fazer rico”.

Antes de definir a mensagem do Reino de Deus, devemos entender que **seu conteúdo é uma fusão**, não só de promessas irrevogáveis, mas também de compromissos e obrigações para com Deus. Enfocar a mensagem do Reino em apenas um lado é alterar o valor de sua composição e originalidade. Assim como uma moeda só tem valor completo quando há nitidez de suas duas faces, assim também o Evangelho da Graça de Deus (Sua bondade, misericórdia, perdão, amor, regeneração, cura e libertação) não pode estar dissociado do compromisso e da submissão devidos pelos cristãos ao Senhor do Reino.

Um Evangelho de “**ofertas**”, como muitas vezes tem sido apresentado, sem a **presença do compromisso com Deus**, é um evangelho **adulterado** para outros interesses.

Há outro tipo de mensagem perigosa, que é a mensagem **legalista** do “não pode isso”, “não pode aquilo”, carregada de um **espírito escravizador e opressor**, onde os pensamentos humanos e doutrinas denominacionais são viabilizados, causando por vezes um comportamento cristão completamente diferente do que Jesus veio mostrar em Seu Evangelho sobre o Reino de Deus. Vejamos estes exemplos:

Mt. 15.6,9: *“E assim invalidastes a Palavra de Deus (Evangelho), por causa da vossa tradição (composição humana) (...) E em vão me adoram, ensinando doutrinas que são preceitos de homens”.*

A mensagem do Lc 7.33-34: “Pois veio João Batista, não comendo pão Reino e a Vida de nem bebendo vinho, e dizeis: tem demônio. Veio o Deus se misturam Filho do Homem, comendo e bebendo, e dizeis: Eis aí um glutão e bebedor de vinho, amigo de publicanos e homogeneamente, pecadores”. sem possibilidade de distinção.

A mensagem do Reino de Deus apresentada por Jesus durante o Seu ministério terreno é, em síntese, muito mais do que apenas palavras formadoras de princípios que traçam o perfil do Reino. Ela é, em essência e acima de tudo, **vida para os que creem nela!** Leiamos Jo 6.63b.

Por isso, o Reino de Deus, outorgado ao homem pela mensagem do Reino, é a própria manifestação de Deus, evidenciada pelo Seu poder curador, libertador e regenerador.

1 Co 4.20: *“Porque o Reino de Deus consiste não em palavra, mas em poder.”*

Quando o apóstolo Paulo, em Rm 1.16, diz *“Pois não me envergonho do evangelho, porque é o poder de Deus para a salvação de todo aquele que crê...”*, o significado da palavra **salvação**, que no grego é **sozo**, é bastante abrangente no seu sentido original. Seu sentido é curar, libertar regenerar e prosperar, mostrando a amplitude do poder da mensagem do Evangelho do Reino.

O poder que **cura e liberta** é o mesmo que perdoa pecados, que salva o pecador, que concede vida eterna. Portanto, a **mensagem do Reino** é **ÚNICA** como manifestação na vida do homem, pois a fonte é a mesma: o poder de Deus.

A mensagem que salva também cura e liberta. Leia Mt 4.23 e 8.16. Não é por acaso que **cura divina e pregação do Evangelho do Reino aparecem juntas. Uma é manifestação da outra.**

Guarde isto: Assim como o Reino de Deus é único e eterno, assim também sua mensagem é única e eterna, tanto salva como também cura e liberta o homem perdido.

Observemos também o trabalho intenso da igreja primitiva, trazendo esta mesma mensagem do Reino em Atos 8:5-8, 12; 19:8 e 28:30-31.

É precisamente o Evangelho do Reino de Deus, sem acréscimo ou parcialidade, que a igreja deve anunciar a um mundo desesperado e morto espiritualmente. Que seja esta nossa mensagem, nossa paixão e vida!

O GOVERNO DO REINO DE DEUS

O **Senhorio de Cristo** representa o **governo de Deus em nossas vidas**. Eis como Isaías entendeu em toda a plenitude esta verdade:

Is 9:6-7: *“Porque um menino nos nasceu, um filho se nos deu; o **governo** está sobre os seus ombros; e o Seu Nome será: Maravilhoso, Conselheiro, Deus Forte, Pai da Eternidade, Príncipe da Paz; para que se aumente o Seu **governo** e venha paz sem fim...”*.

Muitos cristãos ainda não perceberam que, se existe um governo sobre nós, paralelamente existe um senhorio sobre nós. Muitos conhecem a Jesus como Salvador, mas nada sabem sobre o Jesus **Senhor**. Querem viver como “cidadãos do Reino”, anulando, no entanto, o governo de Deus sobre suas vidas. São membros de uma igreja local, seguindo suas próprias regras e condutas de vida independentemente do conselho de Deus.

Guarde isto: Quem vive debaixo do governo de Deus, vive também debaixo da disciplina e orientação de Deus.

A não observação de uma maneira em geral, do **vivenciar o Senhorio** de Cristo no seio da igreja, talvez exista por não se falar de maneira mais frequente e enfática a respeito de sua real existência.

Quando Jesus ensinou aos discípulos as regras do Reino, estava mostrando simplesmente que Ele era Senhor e que daquele momento em diante eles deveriam viver sob as normas deste novo governo.

Não somos donos de Deus, não O usamos como um “talismã” ou “apólice de seguro” ao nosso tempo e à nossa disposição. **Ele é Senhor e nós somos servos!** Ele é quem dá as ordens e nós as obedecemos! Esta ordem não pode ser invertida. Não é a igreja que está no centro do universo, mas o trono de Jesus Cristo.

Observemos esta passagem onde Jesus nos ensina a orar:

Mt. 6.10: *“Venha o Teu Reino, faça-se a Tua vontade, assim na terra como no céu...”*.

O Reino de Deus está **“recheado”** da vontade de Deus. Portanto, os cidadãos do Reino devem se submeter e se entregar à Sua vontade.

Por tudo isso, podemos compreender porque o profeta Samuel disse estas palavras a Saul:

1 Sam 15.22-23^a: *“Porém Samuel disse: tem porventura o Senhor tanto prazer em holocaustos e sacrifícios quanto em que se obedeça a Sua Palavra (Sua vontade)? Eis que o obedecer é melhor do que o sacrificar, e o atender melhor do que a gordura de carneiros. Porque a rebelião (a desobediência) é como o pecado de feitiçaria, e a obstinação é como a idolatria...”*.

Existem muitas pessoas fazendo o que Deus não pediu para ser feito! Trabalham “para” Deus sem a aprovação d’Ele nas tarefas que desempenham! Não tem sentido tal procedimento.

Finalizando, entenda que devemos colocar o Reino de Deus em primeiro lugar, como ordenou Jesus, ao dizer:

Mt 6.33-34: *“Mas, buscai primeiro o reino de Deus, e a sua justiça, e todas estas coisas vos serão acrescentadas. Não vos inquieteis, pois, pelo dia amanhã, porque o dia de amanhã cuidará de si mesmo...”*. Deve ser estabelecida esta prioridade: **Deus e a Sua vontade!**

Esta prioridade independe das circunstâncias da vida. Mesmo que tudo ao nosso redor nos seja adverso, estamos absolutamente certos de que o Senhor do Reino tem Suas mãos sobre as nossas vidas.

Na verdade, viver no Reino não é estar imune ou livre de provações, lutas e tribulações, mas é descansar na certeza de que Deus proverá (Jeová Jire), pelo Seu poder, cada uma de nossas necessidades!

Guarde isso: O que importa é viver no Reino, obedecendo à vontade do Senhor, que é a Sua Palavra.

FIM